

FHC NÃO SOU GERENTE DA CRISE

PRIMEIRO PRESIDENTE REELEITO DO BRASIL PRIORIZA DIÁLOGO E COMBATE AO DESEMPREGO

Lydia Medeiros
Da equipe do **Correio**

O presidente Fernando Henrique Cardoso encerrou seu primeiro mandato com o anúncio de um pacote econômico. Mas, ao discursar no plenário do Congresso Nacional, às 17h10, quando tomou posse em seu segundo mandato, o presidente tentou mostrar que nos próximos quatro anos quer fazer mais que driblar os números assustadores do déficit público, do desemprego, dos juros. "Não fui eleito para ser o gerente da crise. Fui escolhido pelo povo para superá-la e para cumprir minhas promessas de campanha", disse Fernando Henrique.

Sobram lugares vazios no plenário. Faltou a emoção do discurso da primeira posse. Fernando Henrique não improvisou. Foi sóbrio. Deixou na garagem o Rolls Royce e chegou ao Congresso num carro oficial fechado. Subiu a rampa do Congresso às 16h55 com o vice-presidente Marco Maciel, acompanhado dos presidentes do Senado, Antônio Carlos Magalhães, e da Câmara, Michel Temer. Cinco minutos depois, Antônio Carlos abriu a solenidade e os reeleitos juraram cumprir e defender a Constituição. Em seguida, assinaram o termo de posse.

Da tribuna envidraçada, logo abaixo das galerias vazias do plenário, Pedro, o neto do presidente, ouviu o Hino Nacional junto com os pais, Bia Cardoso e David Zylbersztajn. E acompanhou as palavras do avô. Fernando Henrique começou listando as transformações ocorridas em seu governo: infraestrutura, estabilidade econômica, esperança nas escolas, gerenciamento na saúde. Não esqueceu os problemas: chamou a fome de "flagelo" e classificou a saúde de "o pesadelo de todos os brasileiros". Mas acenou com esperança: "A geração do Real será diferente. Nossos filhos terão mais e melhores oportunidades de vida. Tudo começou com a nova moeda".

O país pós-real enfrenta um quadro internacional difícil, disse o presidente, que prometeu continuar empenhado na revisão das regras do sistema financeiro internacional. "Não podemos aceitar que aplicações especulativas, por não estarem submetidas a qualquer tipo de supervisão ou ordenamento, desarticulem o processo produtivo, constituam ameaça recorrente às economias nacionais".

DESEMPREGO É A PRIORIDADE

FHC admitiu que a taxa será alta a curto prazo

Fernando Henrique admitiu, no entanto, as vulnerabilidades internas. afirmou que, enquanto o equilíbrio das contas não for atingido, o país pagará caro por cada turbulência internacional. E reafirmou que não hesitará em tomar as medidas necessárias para pôr fim ao déficit público, que classificou como um "tormento": "É melhor o remédio

amargo que cura a doença do que a febre crônica que debilita as forças e compromete a saúde do organismo".

Aos ministros que assumiram seus cargos pouco depois, na solenidade do Palácio do Planalto, o presidente fez a primeira recomendação: lutar contra o desemprego. Fernando Henrique admitiu que a taxa de desemprego poderá ser elevada no início do ano, como acontece geralmente nessa época. Orientou o primeiro escalão a concentrar esforços e recursos em projetos que criem oportunidades de trabalho e renda, programas de qualificação e assistência ao desempregado. "Tudo o que o governo puder fazer na área do emprego será feito", disse o presidente.

Primeiro presidente reeleito da história brasileira, Fernando Henrique fez a defesa da continuidade para consolidar as realizações da administração anterior. Prometeu que o objetivo central do governo iniciado ontem será "radicalizar a democracia", dando voz a uma "maioria silenciosa" que deve ser atendida por políticas sociais. Pregou a parceria com a sociedade e a reforma dos partidos políticos. "De pouco vale ao país ser a oitava economia mundial se continuarmos entre os primeiros na desigualdade social", disse, afirmando que está combatendo a desigualdade com estabilidade econômica e com ações na saúde, educação, habitação, saneamento direcionadas à população carente.

OTIMISMO COM A OPOSIÇÃO

Diálogo será a arma para trato com os parlamentares

No dia seguinte a um encontro com o ex-governador Cristovam Buarque e a um telefonema de feliz ano-novo a Luiz Inácio Lula da Silva, seu adversário eleitoral, Fernando Henrique disse estar alegre pelo fato de já ter iniciado o diálogo com a oposição. Disse que há divergências em vários campos, mas que há temas que estão acima das diferenças partidárias. "Não me intitulo senhor de um caminho único. Estou pronto a discutir e retificar o rumo, sempre que me convençam de que a alternativa é melhor para o país".

Mas a oposição não estava no Congresso para responder ao presidente. Ou melhor, mandou três representantes: os deputados José Genoíno (PT-SP), Haroldo Sabóia (PCdoB-BA) e o senador eleito Saturnino Braga (PSB-RJ). "O governo não tem diálogo político estruturado com a oposição. Há conversa esporádica apenas", disse Genoíno.

O presidente acenou à oposição, mas tratou de elogiar os seus aliados, pedindo os votos para as reformas e o ajuste fiscal. Sentado ao lado de Antonio Carlos, citou o filho do senador, o deputado Luís Eduardo Magalhães, morto em abril do ano passado por um infar-

André Corrêa



Fernando Henrique no Congresso: "Fui escolhido para cumprir minhas promessas e construir a estabilidade econômica"

to fulminante, para saudar o Congresso: "Homenageio a todos os seus membros, que tanto valorizo, na pessoa de um de seus mais precoces e maiores líderes, o meu inesquecível amigo Luís Eduardo Magalhães". Foi o único momento em que foi interrompido para ser aplaudido.

Para encerrar o discurso, outra lembrança de um amigo morto, também em abril, o ministro Sérgio Motta, um dos idealizadores da tese da reeleição que ontem se consolidou com a posse do presi-

dente. Fernando Henrique repetiu as palavras deixadas por Motta em um bilhete, escrito já no hospital: "Não se apequene, cumpra seu destino histórico. Coordene as transformações do país". E completou-as: "Eu assim farei". E seguiu de volta à rampa do Congresso, ajeitando a gravata no caminho. Sem a presença do povo, ouviu 21 tiros de canhão e foi para o Palácio do Planalto receber a faixa presidencial e dar posse aos 29 integrantes do primeiro escalão.

NEM POVO, NEM CONVIDADOS

Salão Nobre liberado para jornalistas para compensar

No Planalto, subiu a rampa depois do Hino Nacional. E lá também faltaram convidados. Das 700 cadeiras colocadas no Salão Nobre, pelo menos 200 estavam va-

zias. Os organizadores da festa tentaram remediar. Incluíram, na última hora, os jornalistas entre os convidados para o coquetel, onde foi servido champanhe, uísque, vinho, canapés e salgadinhos. No Congresso e no Planalto, os políticos foram os grande ausentes. Poucos governadores vieram para a posse: Tasso Jereissati (Ceará), Dante de Oliveira (MT), Cesar Borges (BA), Jaime Lerner (PR), Jarbas Vasconcelos (PE), José Maranhão (PB), Geraldo Alckmin (SP) e José Ignácio (ES). Não mais que cem parlamentares estavam ontem em Brasília.

Depois da solenidade e da foto oficial com ministros e secretários, o ar sóbrio, quase tenso, foi substituído pelo sorriso. Ao vestir a faixa presidencial, entregue pelo chefe do cerimonial, Valter Péclý, ao som do Toque da Vitória, agradeceu três vezes aos aplausos, sem disfarçar a felicidade. Passeou pelo salão entre cumprimentos e apertos de mão, ao lado de Marco Maciel. Exibiu, com orgulho, a caneta dourada que usou para assinar o termo de posse. A caneta, de 1951, pertenceu a Getúlio Vargas, que a ganhou do Sindicato dos Trabalhadores de Belenzinho, de São Paulo. Chegou ao presidente por intermédio de um tio. "Eu não sei se é de ouro, mas tem história", comentou.

Se faltou vibração ao discurso presidencial no Congresso, Antônio Carlos Magalhães deu o tom emocional à posse. Esqueceu o protocolo, que previa breves palavras para o encerramento da sessão. Deixou de lado as anotações que levou para a mesa — sete itens — e improvisou, num discurso político que assegurou o apoio do Congresso ao governo. "O povo lhe conferiu um novo mandato e, atentos à vontade do povo, nós, seus legítimos representantes, ajudaremos, como espera a nação, o seu governo. O Congresso não lhe faltou o mandato que se findou e não faltará no que se inicia".

Enfático, ACM afirmou que a conjuntura internacional perturba, mas não intimida o país. E, emocionado, acrescentou: "Quem não tem força e coragem para enfrentar a adversidade não merece o dom da vida". Pediu a Deus que iluminasse o caminho do presidente: "Seja feliz, cumpra seu dever com a nação, que espera o êxito indispensável para que possamos estar emparelhados com as maiores nações do mundo. Temos o destino histórico de ser uma grande nação", disse ACM, aplaudido. Depois da solenidade, o senador marcou prazo para ver a crise atenuada: "Em seis meses venceremos a crise. Vamos amenizá-la porque vamos dar ao governo os instrumentos para isso".

A fala de ACM surpreendeu. O líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), interpretou com bom humor a iniciativa do senador e até adivinhou a reação do presidente Fernando Henrique: "Como médico, entendo da psicologia humana é acho que o presidente, pelo seu jeito, gostou muito do discurso". O presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), preferiu não interpretar: "Foram discursos adequados ao momento que o país atravessa".